



Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Humanidades
Unidade Acadêmica de História e Geografia
Curso de História

**A CASA É O ABRIGO E A RUA É O PERIGO? Cartografias das múltiplas
Infâncias (em situação de Rua) de Campina Grande**

Paulo Wbiratan Lopes da Costa

Campina Grande – PB
2009

Paulo Wbiratan Lopes da Costa

**A CASA É O ABRIGO E A RUA É O PERIGO? Cartografias das múltiplas
Infâncias (em situação de Rua) de Campina Grande**

Monografia apresentada à Unidade Acadêmica de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande como exigência para a conclusão da Graduação de Licenciatura em História.

Orientadora: Profª. Ms. Silêde Leila Oliveira Calvacanti

Campina Grande – PB

2009

Paulo Wbiratan Lopes da Costa

**A CASA É O ABRIGO E A RUA É O PERIGO? Cartografias das múltiplas
Infâncias (em situação de Rua) de Campina Grande.**

Monografia apresentada à Unidade Acadêmica de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande como exigência para a conclusão da Graduação de Licenciatura em História.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

Comissão Examinadora

Prof. Ms. Silêde Leila Oliveira Cavalcanti - UAHG - UFCG
Orientadora

Pro. Dra. Regina Coeli – UAHG – UFCG
Examinadora

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira – UAHG – UFCG
Examinador

Campina Grande – PB
2009



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

DEDICATÓRIA

Como todo mundo tem um anjo da guarda, eu também tenho o meu, a minha Prima, que durante sua passagem pela vida terrestre esbanjou alegria para todos, e que hoje está desfrutando as alegrias e a plena felicidade no reino de Deus. Muito obrigado Thalianne, a você dedico essa felicidade indescritível.

AGRADECIMENTOS

Como futuro Historiador nada melhor que agradecer a todos que me ajudaram nessa batalha, a qual muito esforço e empenho me exigiram para conclusão desta fase exitória, contando uma história.

Sabendo a complexidade que é o ser humano, para iniciar minha história de vida, inicio agradecendo aquele que creio que me possibilitou a oportunidade de Viver, que é meu Grande e ilustre **Deus**, que nos momentos difíceis, que foram imensos nessa jornada, sempre estava comigo me possibilitando força para caminhar.

Logo após e justíssimo, faço alusão a uma pequena pessoa, porém uma Grande Mulher, esta que além de me possibilitar a vida, me proporcionou uma vida. Ela que sempre está presente, que batalha mais do que Eu, que sofre mais que Eu, que fica mais Feliz do que Eu. Deste modo, é uma satisfação poder dividir esse momento, que durante toda minha vida sonhei com essa mulher tão importante e especial: Minha **MÃE**, a senhora: **Wilza Lopes da Costa**.

Como na minha vida tudo é sinônimo da batalha, agora vem outra pessoa que passou sua vida sempre batalhando para nos proporcionar uma vida digna e melhor. Ela que não se preocupou em perder com minha mãe todas as noites que necessitei de um carinho, de um cuidado, ela que como diz o ditado é mãe duas vezes. Minha **Avó**, a senhora **Francisca Lopes da Costa**, uma mulher Forte e de Fé.

Outra pessoa que foi peça fundamental para conclusão do nível superior, foi uma pessoa que passou por todas as barreiras e batalhas que passei, porém de uma forma bem mais complexa e difícil. Ela que sempre estava ao meu lado, principalmente nos dias que eu ela ia para Campina e logo surtia a alegria, pois sabia que naquele dia teria direito a um almoço, a sorvete, a ir ao shopping, ao cinema, enfim a um dia de farra, sem falar das caronas lógico. Ela que é sinônimo de determinação, a minha **Tia Ubiratânia**, que também serviu de espelho para que pudesse ser uma pessoa melhor.

A minha **irmã Magaly**, outra pessoa a qual tenho profunda admiração. Ela que sempre considereei uma criança, hoje também segue no hall dos estudos, ultrapassando todas as dificuldades para que também possa desfrutar dessa alegria. Ela que também muito ajudou principalmente para puxar as orelhas nas horas dos erros. Valeu Magra!

As minhas primas hein! Essas que muito me ajudaram. Minhas **primas-irmãs Willianny e Thiciane**, elas que em todas as horas muitas vezes

distantes estavam prontas para ajudar em qualquer que seja o problema. Elas a cada encontro com certeza uma festa.

Aos meus priminhos **Felipe e João Victor**, estes que por serem crianças ainda estão criando a noção do que é uma educação bem feita, mais que com certeza estarão logo-logo trilhando pelas escadas da educação, a vocês minha admiração!

Aos **Tios Bregeiro, Martha e Neném**, que também estiveram ao meu lado ajudando no que der e vier. Vocês que além de tios foi pai e mãe quando precisei, muitíssimo obrigado!

Aos meus **eternos amigos** da turma do “Capitão Cabeça”, **Janiny, Joelsinho, Katianne e Alberto**. Esses que estiveram sempre juntos comigo, nas alegrias, nas tristezas e nos sonhos de um futuro promissor, sem falar das várias noites que me suportaram socializando minha vida às vezes sem nada entender, mas sempre dando força para enfrentar todas as dificuldades. A vocês, ofereço minha eterna gratidão.

Aos meus amigos que conquistei nesse período acadêmico: **Amanda Gomes**, com quem passei, além das aulas, as noites na internet, sem falar das incalculáveis vezes que precisei e ela estava ali para ajudar, muitíssimo obrigado! A **Ellis Danielly, Stefânia Galvão, Camila Martins, Catarina Buriti, Anne Micheline, Abel Domingues, Karlinha, Iapuan Tavares, Jadiel, Lauricéia, Nádja, Elton, Vanessinha**, entre outros, apesar da inevitável separação, todas as vezes que nos encontrarmos lembraremos todas as histórias por nós vividas. Muito obrigado!

Aos meus amigos, que apesar de longe estavam juntos a noite inteira ali no MSN: **Katienny, Maria Francisca, Fátima, Valclécia, Marília**, em especial “**Rossely**”, entre outros. Eles sempre estiveram ali prontos para me dar força para não só para concluir meu curso mais também no que fosse necessário.

Aos que confiavam e me davam carona, em especial meu **Padrinho Joelson**, que mesmo sem notar, suas atitudes serviam-me como de um pai, me deixando lisonjeado. Ao senhor meus sinceros agradecimentos!

A todos os meus professores, eles desde a alfabetização até mesmo os que virão, me possibilitando trilhar nas longas caminhadas da Educação: **Idalete, Benedita, Maria do Carmo, Clarindo, Iranilson Buriti, Marinalva, Roberval, Faustino Neto**, e em especial a minha Orientadora **Silêde**, que confiou em mim e me ajudou de maneira exemplar a concluir meu trabalho acadêmico, a você a profunda admiração.

Aos meus amigos-irmãos, ao qual tenho enorme respeito, eles que dividiam seus dias, momentos, confusões, festas, conversas, até mesmo ao ponto de colocarem no espelho da casa: “*Bira vá fazer a monografia*”. A

Leonardo, Melque, Wendel, Franklin, Thompson, Diego, Jurandir, Sebastião. A vocês que com a convivência viraram minha família aqui em Campina, me ajudando, me puxando a orelha sempre que necessário, me perturbando principalmente, desejo toda felicidade do mundo a cada um e que nossa amizade prevaleça para sempre. Muito Obrigado!

Enfim obrigado a todos que me ajudaram de forma direta ou indireta a concluir esse sonho tão almejado! OBRIGADO!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo fazer uma breve discussão sobre a Infância, iniciando de aspectos que marcaram a História da Infância no Brasil Colônia até a atualidade, enfatizando as “múltiplas Infâncias” em situação de rua na contemporânea Campina Grande. Já que trabalhar com a História da Infância além de novo é interessantes para os historiadores, pois estas que se encontram numa problemática onde o preconceito e a estereotipia deixam marcas em seu cotidiano, os descrevendo como marginais, doentes, sujas e delinquentes. Nesta perspectiva, essa pesquisa foi realizada tanto por meio de fontes bibliográficas, quanto por uma entrevista com esses atores. Para que assim através do vários discursos e saberes que tratam esses, tentaremos em uma simples discussão compreender as representações que elas têm quanto ao momento vivido e a forma que elas encaram seu cotidiano e expectativas.

Palavras-chaves:

História - Infância – Campina Grande

ABSTRACT

This work aims to make a brief discussion on Children, starting with issues that marked the history of childhood in Brazil colony to the present, emphasizing the "multiple childhood" in the contemporary situation of street Campina Grande. Since working with the History of Childhood in addition to new and interesting for historians because they found a problem where the prejudice and stereotypes that "in your everyday lives, describing how marginal, sick, dirty and criminal. Accordingly, this research was done both through bibliographic sources, as per an interview with these actors. So that through the various discourses and knowledge that deal with these, try a simple discussion on representations that they have lived in the moment and how they perceive their daily life and expectations.

Keywords:

History - Children - Campina Grande

SUMÁRIO

- **Introdução** _____ **10**

- **1º CAPÍTULO: Da Criança Colonial a Criança colonizada: do olhar religioso ao olhar Científico sobre a Infância** _____ **15**
- 1.1 – Vem a mim as criancinhas: A Igreja e a evangelização “das Infâncias” _____ 15
- 1.2 – Educação, Higiene e Disciplina: O discurso médico e a Infância normatizada do século XIX no Brasil _____ 21
- 1.3 – A Escolarização de meninas e meninos e os papéis de gênero __ 22
- 1.4 – Abandonadas é sinônimo de infratoras? _____ 24

- **2º CAPÍTULO: Quebrando estereótipos e desbravando barreiras: Um estudo das crianças em situação de rua na atual cidade de Campina Grande** _____ **28**
- 2.1 – Crianças (des) favorecidas? _____ 31

- **Considerações Finais** _____ **38**

- **Referências Bibliográficas** _____ **41**

INTRODUÇÃO

“Compreendendo por noção de infância como a fase que o indivíduo é considerado ainda criança, indo do nascimento e o seu término variando de acordo com a cultura estabelecida pelas diversas sociedades, e seu ser constitutivo criança, como ser humano antes de ser considerado adulto.”

Vera Lúcia Braga de Moura

Como se sabe, o estudo sobre a infância é relativamente recente. Esta se encontra cada vez mais imbricada nas pesquisas que norteiam a nova história, proporcionando assim um novo olhar, pautado na complexidade que a historiografia marginalizou durante um longo tempo.

O interessante são os conceitos que muitos perduraram, e outros que ficaram esquecidos com o passar do tempo. Cada sociedade tinha seu modo de agir com relação às crianças, sabendo que estas necessitavam de cuidados mais diferenciados por sua “fragilidade” em relação ao adulto. Deste modo, encontramos uma série de fatores que irão elencar essa distinção proposta pelos saberes biológicos, psicológicos e até mesmo pedagógicos. Segundo Stearns (2006):

[...] Sempre e em toda parte, as crianças precisam receber alguma preparação para o estágio adulto. Necessitam aprender a lidar com determinadas emoções, como raiva e medo, de forma socialmente aceitável. Sempre e em toda parte, em vista do longo período de fragilidade na infância da espécie humana, crianças pequenas requerem que lhes providenciem alimentação e cuidados físicos. (STEARNS, 2006, p.11)

Nesse sentido, notamos o quanto é complexo tecer considerações acerca da infância em um contexto geral, pois além dos lugares reservados a cada geração, estar sempre em discussão em várias áreas campos de saber, as crianças não deixaram muitos registros que favorecem um estudo intrínseco, tornando a infância à definição adulta, ou muitas vezes pessoal. O que veremos são as constantes mudanças culturais em sociedades diferentes,

pois cada cultura trata de acordo com seu modo de viver, havendo variações e mudanças imensas.

Outro fator que também tem peso na historiografia sobre o que diz respeito ao estudo da infância é a história tradicional, que se voltava apenas para a história política, a qual dava ênfase mais aos governos e aos que eram preocupados por sua política, estabelecendo uma visão elitista da história, enaltecendo quem ocupava os maiores patamares da pirâmide social, deixando muitas vezes passar um olhar mais concentrado em algumas partes da historiografia, em detrimento de proporcionar o estudo da história de outras categorias da sociedade. Porém com o surgimento da nova história, segundo Peter Burker,¹ o que era previamente considerado mutável é agora encarado como uma “construção cultural” sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço. Conseqüentemente, com o surgimento da nova história, o social e o cultural entram em cena, e a infância entre outros se estabelecerá como tema importante na construção histórica da sociedade.

Deste modo, criança e infância são vistas como conceitos diferentes. A Infância é um termo criado pela modernidade que se volta para a questão disciplinar, uma construção social. Neste caso no que se refere a isso Stearns (2006) diz:

[...] de fato, a história da infância impõe um confronto entre o que é “natural” na experiência das crianças e o que é construído por forças históricas específicas, e essa confrontação é tanto estimulante quanto instrutiva. (STEARNS, 2006, p.15)

Já Heywood (2004) diz:

[...] a infância deve ser compreendida como uma construção social. Em outras palavras, os termos ‘criança e infância’ serão compreendidos de forma distintas por sociedades diferentes. (HEYWOOD, 2004, p.12)

Nesta perspectiva, sabendo que em cada espaço sócio-cultural o tratamento com a infância é determinado a partir de uma série de fatores, cabe-nos tecer considerações de como se deu a relação para com estas aqui no Brasil, em meio a uma história repleta de variações. Em especial, em Campina Grande – PB.

¹ BURKE, Peter. A escrita da história, 1993, p. 11.

Deste modo, este trabalho surge como uma perspectiva de historicizar “as múltiplas Infâncias” em situação de Rua em Campina Grande, de maneira a problematizar como elas percebem o momento vivido. Pois tratar essas Infâncias é um desafio, já que o tema é pouco tratado na historiografia de Campina Grande.

Trabalhamos sob a perspectiva de autores que trabalham a temática Infância – História sob um ponto de vista social cultural. Dentre estes autores utilizamos: Peter N. Stearns, Mary Del Priore, Micheal de Certeau, Ana Maria Mauad, Rafael Chambouleyron, Marco Antônio Cabral dos Santos, Burker, Philippe Ariés, Heyood, Sylvia Arend, Silvia Couceiro, Vera Lúcia Braga de Moura, entre outros.

Este trabalho está dividido em dois capítulos, sendo o primeiro denominado Da Infância Colonial a Infância colonizada: do olhar religioso ao olhar Científico sobre a Infância. Onde tentamos discutir como se deu o tratamento para com as crianças no período colonial e quais as mudanças com o advento da urbanização e industrialização, para assim notarmos como vários fatores contribuíram para um tratamento mais elaborado com essas no decorrer do tempo, e as mudanças em seus hábitos e comportamento.

No segundo capítulo intitulado Quebrando estereótipos e desbravando barreiras: Um estudo das crianças em situação de rua na atual cidade de Campina Grande. É proposto uma discussão em relação à criação de uma historiografia sobre a criança em situação de rua, já que no primeiro momento entenderemos como as crianças veio a rua. Como é a vida e o cotidiano destes infantes? Já que eles no século XXI estão assegurados de forma “especial”, com todo um aparato em seu favor. Surgi daí o título do trabalho, O lar é o abrigo e a rua o perigo?

Então este trabalho tem como proposta fazer uma discussão da Infância em situação de Rua em Campina Grande, através da problemática que tanto a rua, quanto a casa são lugares de regras, normas, disciplinas, e por que estas optam por viver em uma situação que os tornam visto com olhar diferente pela sociedade.

Sobre isto, sabendo do desafio que é estudar essa temática, me resguardo a tecer alguns tipos de consideração ao assunto, pois essa pesquisa

encontra-se no início, já que o tema é demasiadamente interessante, espero poder continuá-lo de forma que possa enriquecer a história.

I CAPÍTULO

1º CAPÍTULO: Da Infância Colonial a Infância colonizada: do olhar religioso ao olhar Científico sobre a Infância.

“No sistema colonial o filho ocupava uma posição puramente instrumental dentro da família. Não que fosse tratado como “utensílio” ou “coisa”, ao mesmo título do escravo. Sua posição era instrumental no sentido de secundária. De não ser o motivo operante, o móvel principal da atividade familiar. Como os demais membros da parentela ele era visto e valorizado enquanto posto a serviço do poder paterno” (COSTA, 1999, p. 153).²

1.1 – Vem a mim as criancinhas: A Igreja e a evangelização “das Infâncias”

A forma católica que pensa e se relaciona com a criança estar presente nos documentos e textos. O Catolicismo, em geral, como religião imposta pelos portugueses, logo tratou de se preocupar em ter um olhar diferenciado para tais, inicialmente ensinando-as a fazer orações e a ler. Não ficando apenas as crianças mais também a juventude, que segundo o Governador Tomé de Sousa seriam estas necessitadas da melhor doutrina para que se tornassem cristãos. É o que afirma Rafael Chambouleyron (2002):

[...] é bem verdade que a infância estava sendo descoberta nesse momento no Velho Mundo, resultado da transformação nas relações entre indivíduo e grupo, o que ensejava o nascimento de novas formas de afetividade e a própria “afirmação do sentimento da infância”, na qual a Igreja e Estado tiveram um papel fundamental. Neste sentido foi também esse movimento “que fez a cerca de escolher as crianças indígenas como o ‘papel branco’, a cera virgem, em que tanto se desejava escrever, e inscrever-se. (CHAMBOULEYRON, 2002, p.58)

Com isso vemos o quanto a infância entra em destaque nesse momento, acarretando mudanças na relação entre ela e o adulto, transformando então com a visão de que esta seria um “pequeno adulto”. Entrando em cena um fator que irá fazer a diferença: a emoção, passa-se a cativar esses pequenos,

² Ver COSTA, Jurandir Freire. Ordem Médica e Norma Familiar, 1999, p.153.

criando laços outrora conservados, uma afetividade, que ao ponto de vista da Igreja, sendo moldado durante esse período, no futuro poderia ter verdadeiros cristãos, pois se encontravam limpos e conseqüentemente mais fáceis de adaptar aos novos ritos de Igreja. Essa nova política episcopal não obteve grande êxito inicialmente, pois houve alguns empecilhos na evangelização, se destacando mais o medo do que o amor dos nativos perante o novo, o que levava a uma conversão provocada. O que levaria a abandonar os ritos gentílicos e se purificarem com a religião cristã.

Outro fator que prevaleceu nessa relação foi à confiança que alguns Índios tiveram em entregar seus filhos para que os Padres os educassem, representando assim um laço de confiança entre “Índios e brancos”. Apesar dessa relação amistosa entre Português e Índio, Chambouleyron (2002), diz que

(...) é difícil determinar ao certo qual foi à imagem a respeito dos portugueses construídas pelas várias tribos indígenas e, principalmente, dos religiosos da Companhia de Jesus, mas a construção de alianças, a partir das crianças (os Índios dando seus filhos), pode ter construído uma possibilidade frutífera de relacionamento para alguns grupos. (CHAMBOULEYRON, 2002, p.59)

Essas crianças então fariam diferença em sua tribo, pois sabiam ler, escrever, estavam rodeados de novos costumes, que para Igreja seriam “bons costumes”. Eis um problema: De um lado vemos crianças saindo de seu lar para se adaptarem a uma nova cultura, a possibilidade de aprender ofícios, ler, escrever, entrando em contato com uma nova cultura. E de outro lado essa nova cultura subjugava os costumes tradicionais que eram mantidos por seus pais. Entrando em uma discussão tanto histórica quanto psicológica como seriam a personalidade e a identidade dessas crianças consideradas ainda em formação, e qual ideologia elas iriam seguir, seria então uma transformação um tanto radical nas vidas dessas.

Nota-se então que o discurso português colonizador no que diz respeito aos cuidados para com as crianças é contraditório perante os resultados que se viam com o passar do tempo. O ensino das crianças foi reduzido, pois na maioria das escolas viam-se juntos tanto portugueses, quanto Índios, quantos mestiços. Boa parte dessas crianças passava pouco tempo nas escolas,

ficando nelas apenas para aprender a ler e a contar e logo ia para as ruas trabalhar nos comércios, principalmente os filhos dos índios e os mestiços.

Destarte, as expressões utilizadas para as crianças se estabeleceram das mais variadas formas, dependendo do local, cultural, entre outros, isto sendo consequência do pouco valor dado a Infância. Algumas expressões como “Meúdos”³, “Ingênuos”⁴, “Infantes”⁵, eram as mais encontradas em documentos do período colonial. Porém alguns manuais de medicina entre os séculos XVI e XVIII já tratavam sobre o estabelecimento das identidades etárias, dividindo em duas etapas, como uma fase de transição, considerando como a primeira fase idade do homem denominando de “puerícia”, na qual as principais características eram do nascimento aos 14 anos, onde o ser oscilava do quente para o úmido. Já a segunda que ia dos 14 aos 25 anos era quente e seca. Sendo a primeira etapa dividida em três momentos de acordo com seu tempo: a primeira era até a amamentação, a segunda era o quando a criança ainda dependia dos pais para a realização dos afazeres cotidianos, e a terceira quando a criança se encontrava desenvolvida suficiente para aprender a trabalhar, estudar, aprendendo algum ofício.

Outro fator que norteia a questão da Infância e merece destaque é em relação ao seu nascimento, o tratamento dado a mãe e todo o ritual para a “grande chegada”. É interessante como se dava o nascimento, havia toda uma preparação que seguia desde as dores do parto até o nascimento. Neste momento, a religiosidade influenciava bastante, havendo orações e pedidos para os santos que era designado para um parto exitório. O culto a Nossa Senhora do Ó ou do Bom Parto, São Mamede, Santa Margarida, São Francisco, além de uma pedra de Minas Gerais, conhecida como “mombaza” muitas vezes amarradas no joelho esquerdo com o intuito de atrair a chegada da criança. O interessante era as comadres ou aparadeiras, que lubrificavam a parte genital com gordura animal, azeite ou óleo de açucenas. Como Priore (2002) destaca:

(...) Vigiada por uma imagem de Nossa Senhora do Ó ou do Bom Parto, agachada ou sentada, a mulher esperava os sinais do parto. Familiarizadas com as manobras para facilitá-lo, as comadres ou “aparadeiras” encarregavam-se da lubrificação das partes genitais,

³ Ver em História das Crianças no Brasil, de Mary Del Priore (2002), pág.84.

⁴ Idem

⁵ Idem

untando-as com gordura animal, óleo de açucenas ou azeite. Entre goles de cachaça e de caldos de galinhas com canela, a parturiente era confortada devendo mostrar-se “rija e varonil” para evitar as dores que se seguiriam.(PRIORE, 2002, p.86)

Após o parto, os cuidados com a criança colonial recém-chegada eram de fundamental importância. Apesar de não ter um conhecimento mais elaborado, os bebês eram banhados e logo enfaixados. Os cuidados mudavam de acordo com a cultura. As africanas modelavam os narizes para ficarem mais bonitos, as indígenas davam banho de rio para purificar seus entes, e assim iam mudando, até o ponto dos manuais médicos se popularizarem, mudando aos poucos todo o ritual dado ao nascimento.

Com o surgimento dos manuais de medicina, os cuidados com as crianças começam a ser instruído, e aos poucos ganham mais popularização na colônia, onde ao contrário de apertar as crianças com estopas embebidas de vinho e ovo, surgiam às mantilhas suaves e folgadas, os óleos foram trocados por água e sabão. Como também deram ênfase à alimentação das crianças, pregando o leite materno como o mais saudável, o que se deferia entre a indígena que dava seu leite ao longo tempo, da européia que logo contratava sua ama de leite, que muitas vezes nem sabiam quem eram. Já as africanas logo cedo davam comidas grosseiras, sem a noção que o aparelho digestivo de uma criança frágil causando mal as crianças. Papinhas eram dadas praticamente para todas as crianças, com o objetivo delas crescerem e ficarem forte o mais rápido possível. Essa papa era feita de farinha de mandioca, leite de gado e açúcar, araruta, papa de goma, banana amassada, entre outras. Com isso notamos que os cuidados não mudaram muitos apenas inovaram na atualidade, até mesmo na questão da alimentação das classes sociais, onde os mais favorecidos alimentam-se melhor e os desfavorecidos estão aptos a doenças causadas pela má alimentação.

Além dos cuidados em torno da alimentação, havia a preocupação com as bruxarias e mau-olhado e muitas vezes preservava-se a sujeira infantil para os maus olhos não se encostassem às crianças. Como a crença em bruxa era grande, as mães seguiam rituais pitorescos, como é o caso de guardar as primeiras urinas e fezes, pois se acreditava que se uma bruxa pegasse estes seriam capazes de realizar feitiços que levavam a doenças e até mesmo a morte do neném. Como a mãe neste momento superprotegia, elas notavam

qualquer diferença ou mudança em seus filhos, como mudança repentina de humor, manchas, mudança de cor, choro repetido, enfim tudo que fosse considerando estranho era tido como um feitiçaria ou olhado. Segundo Mary Del Priore 2002:

[...] Na dúvida, existiam algumas maneiras de reconhecer se havia quebranto. Bastava tomar “um vaso cheio de água e posto debaixo dos crueiros ou faixas dos mínimos ou dos berços, e metendo-lhe dentro um ovo, e se andar nadando é certo haver quebranto, e se for ao fundo, está livre”. Para combater quebrantos e bruxedos, a criança era benzida, em jejum, durante três dias, com raminhos de arruda, guiné ou jurumeira. (PRIORE, 2002, p. 91)

A discussão de Del Priore (2002) em torno ao cuidado com a criança em relação aos feitiços e bruxarias mostra o quanto às famílias se preocupava com o recém nascido, pois além de todo cuidado outrora dado como a questão da alimentação, havia também a influência da crença, remetendo a se pensar o discurso médico que estava em crescimento no momento e não se tinha tanto ênfase no meio familiar. As principais doenças não eram causadas pelas bruxas, mais por maus hábitos da família europeia junto às condições climáticas, como é o fato de não tomar muitos banhos, como também enfaixar as crianças. Em meio das doenças as que mais se destacavam era: sarna, mal de sete dias, impinge, lombrigas, bexiga. E os remédios não tinham total eficácia sobre as enfermidades, levando muitas vezes a morte.

Durante os séculos XVI, XVII, e principalmente a partir do século XVIII as preocupações com as doenças e ao alto índice de mortalidade infantil tornaram-se cada vez mais evidentes entre o discurso médico higienista. Este voltado para a alimentação, vestuário inadequado, amas-de-leite portadoras de doenças como a sífilis, entre outros, já que neste momento perduravam as crenças e religiosidades influenciando fervorosamente as vidas das vítimas de doença, como é o caso de irem para procissões, fazer promessas a santos, serem colocados em frente da Virgem. Algumas vezes as crianças se curavam aumentando mais ainda a fé e o culto a religiosidade. Até na questão fúnebre havia diferença, pois os anjinhos como eram considerados as crianças que morriam, eram enterrados com direito a flores, velas, vestido de anjos com roupas muitas vezes brancas ou azuis. Já os bebês escravos eram enrolados

em tabuleiros cobertos com toalhas de renda, não tendo condições de ter todo o cerimonial estabelecido pela elite⁶.

Os cuidados para os que sobreviviam às doenças ou pestes se redobravam. O olhar materno era diferente. O tratamento se voltava ao de cobrir bem os méudos, cantar, para dormir, contar estórias que o principal objetivo era lição de vida. Surgiram as figuras que estão até hoje em destaque na pedagogia infantil e amedronta as crianças como é de papa-figos, boitatá. Todo esse cuidado material não se parava ou afixava, havia também todo um cuidado com a religiosidade. A religião católica pregava as mães que os filhos também deviam segui-la, esta se difundindo principalmente na América portuguesa. Costumes como o de dar nome de santos aos filhos, o batismo o quanto antes possível, pois como era comum a morte de recém-nascido, o quanto antes o batismo menor o risco de “morrer pagão”. Como também das mães ensinarem o quanto antes a pronunciar os nomes Jesus e Maria. O interessante era a relação social do batismo, que além de ser um rito de purificação e de promessa de lealdade a religião católica, era a oportunidade de a criança entrar e aparecer na sociedade, pois reuniam padrinhos, madrinhas, familiares e amigos para o ritual. Segundo Freyre 2001:

[...] Desde muito cedo, os recém-nascidos eram cercados de alguns cuidados, certa proteção preventiva tanto para os males do presente como os do futuro. Uma dessas práticas, de origem portuguesa, estava em atirar “o cordão umbilical ao fogo ou ao rio”, evitando que ratos comessem, pois se assim ocorresse, a criança daria para ladra; outra medida era a de não apagar a luz enquanto o menino não fosse batizado “para não vir à feiticeira, a bruxa ou o lobisomem chupar-lhe o sangue no escuro. (FREYRE, 2001, p. 238)

O medo que perdurava a pedagogia infantil, durante muito tempo foi sinônimo de vergonha para os pobres, os camponeses, aos considerados inferiores onde a crença configurava seu modo de viver. Com o passar do tempo, o medo se destituiu da vergonha e encontra um caráter de direito a igualdade, a coragem. Desta forma temos a possibilidade de entender como se configurava os entrelaces sociais no que se refere ao tratamento para com os infantes em seu âmbito social familiar, que ia desde os pais, irmãos, empregados e todos que conviviam ali, já que a educação das crianças muita

⁶ Mary Del Priore. *História das Crianças no Brasil*. 2002.

vezes estava pautada pelo medo. Havia a presença de fantasmas, de todo um arsenal folclórico, no qual o bicho poderia comer a criancinha.

Dentre todo aparato afetivo voltado para a criança, sabendo que o amor dos pais é um fator marcante na vida da criança, porém havia uma distinção entre eles. A relação com o pai, além de muito direta, se dava nas horas livres destes, até ao ponto de deixá-los entristecidos quando se tinha a necessidade de corrigir seus filhos, como também era dever do pai levar nas ocasiões que precisava sair de seu lar. A mãe não menos importante ficava mais com as tarefas do cotidiano, como contar estórias, graças, acalentos, ensinando-lhes a ler, escrever, a contar. Desta maneira entra em pauta a reflexão em meio de tantos afetos as crianças torná-las molengas e sem defesa, o que no fim do século XIX entra em questão a esse resguarde e mimos com a criança.

1.2 – Educação, Higiene e Disciplina: O discurso médico e a Infância normatizada do século XIX no Brasil.

Com isso, apesar de toda esta complexidade que se trata o cotidiano da criança em relação a sua alimentação adequada, a seus cultos religiosos, suas crenças e rituais, até mesmo as brincadeiras e diversões, vale salientar a preocupação da formação individual da criança. Desejavam uma criança de formação pedagógica capaz de se sobressair perante as questões impostas pelo mundo, coexistindo uma educação básica capaz de proporcionar cognição de leitura e escrita, para que pudessem ler a Bíblia e está por dentro da doutrina católica. É o que Del Priore, em *História das Crianças no Brasil* vai destacar, afirmando que:

(...) Cartilhas de alfabetização e ensino da religião eram comumente usadas, tanto no aprendizado a domicílio, quanto naquele público. Sedimentando o trabalho que já deveria ter sido feito pela mãe, na primeira fase da vida da criança, tais cartilhas voltavam à carga sobre tudo que dizia respeito à vida espiritual. A escola deveria ter um crucifixo diante do qual, ao entrar, as crianças se persignavam, ajoelhando e benzendo-se pois "o sinal da santa cruz é o nível mais forte para vencer as tentações do inimigo comum": o terrível maldoso Satã. (PRIORE, 2002, p. 100)

Todo esse cuidado exposto vem adquirindo força desde o decorrer da colônia, e vai ganhando mais consistência, consubstanciando numa pedagogia da Infância, como diz Del Priore, até mesmo os mestres se adaptam para

possibilitar um desenvolvimento ideal, através da leitura e escrita, da religião e de alguns cuidados para se portar dignamente na sociedade, este que era um dos fatores condicionantes. Porém vale salientar o quanto floresceu no Brasil colônia e império a reflexão em torno desse ser tão pequeno tanto no ramo da medicina, quanto na pedagogia, quanto na história, criando novos atributos disciplinar e ordem para os infantes.

Como sabemos sempre existem distinções na criação de uma criança pobre em relação a rica. No Brasil, durante o Império, essa situação irá aumentar verticalmente. Com a abertura dos Portos por Dom João VI, será enorme o número de migração. Agora a divisão social já está totalmente estabelecida e conseqüentemente o tratamento para com os “méudos” será diferenciado. Vários aspectos diferenciavam o Brasil dos outros países, como é o caso do clima tropical. Os viajantes que por aqui passavam muitas vezes criticavam o modo de viver das crianças, considerando-as muito alegres e estonteantes. Com a emergência dos termos *Infância* e *Adolescente*, esses considerados como fases da vida diferentes; apesar do termo adolescência já existir a algum tempo e não ser utilizado. No início do século XIX a infância não era vista como uma fase intelectual ainda, mas meramente de atributos físicos.

Para a criança rica havia toda uma complexidade no seu modo de ser, de vestir-se, de pentear-se, de calçar-se e até mesmo nas fotografias. No decorrer diário, os signos apareciam notoriamente em torno dessas crianças e adolescentes. Estes totalmente influenciados pela vida da elite francesa. É o que gera apreciações em torno do assunto, já que a partir do clima a França se difere do Brasil. É o caso de pensar uma criança francesa vestida para o frio com roupas compostas e ideais para seu clima. E uma brasileira no calor tropical com uma roupa adaptada especialmente para o frio francês? Pois esse fato era acontecia constantemente no Brasil Império. Logo cedo em torno de 12 anos as roupas começavam a mudar, os meninos a largar as calças e as meninas a usar vestidos adultos. Além das roupas outro fator era ao uso de brinquedos comprados feitos ou importados. E como de costume francês haviam os intelectualizados que compravam livros para seus filhos.

1.3 – A Escolarização de meninas e meninos e os papéis de gênero.

Em relação à educação, tinha uma literatura moralista para as crianças e adolescentes sempre diferenciando o menino que estava para uma educação intelectual, e a menina que estava para uma educação manual, estas desde cedo. Como também professores para os meninos e professoras para meninas. Enquanto a educação masculina terminava com um diploma de bacharel, a educação feminina terminava na porta da Igreja. A literatura escolar era voltada a como se portar perante uma sociedade, como agir com os pais, enfim, boa parte com caráter disciplinador e moral vigente no período. Nas escolas os alunos eram aceitos com 07 anos de idade, havendo uns que obtinham êxitos e logo conseguiam ser bem visto pela sociedade. Porém, a educação doméstica tinha grande influência sobre a educação formal, e uma dependia da outra. Sobre essa educação e Ana Maria Mauad (2002) diz

(...) É interessante notar como o discurso dos pais preestabelecia os espaços das futuras vivências dos filhos. O que a educação e a escolha de um certo tipo de instrução arbitravam era a forma de acesso da criança ao mundo adulto, definindo-se os papéis sociais do homem e da mulher desde a meninice. Aos meninos, uma educação voltada para o desenvolvimento de uma postura viril e poderosa, aliada a uma instrução, civil ou militar, que lhe permitisse adquirir conhecimentos amplos e variados, garantindo-lhe o desenvolvimento pleno da capacidade intelectual. (MAUAD, 2002, p. 155)

A partir da reflexão realizada por Mauad notamos como no período oitocentista haviam um cuidado para com a menina, e já os meninos sempre se destacavam como grandes advogados, médicos, engenheiros, políticos. Estes ascendendo notoriamente na sociedade rural e urbana imperial, enquanto que as meninas seriam futuras damas, preparadas para serem dona do lar e se postarem elegantemente perante a sociedade e seus maridos ficando a mercê da família a educação dos filhos e a escola com o dever de instruir-los, que futuramente trocava sua boneca de brinquedo por uma de carne e osso.

Diante de todos esses cuidados, os pais muitas vezes ficavam como coadjuvantes na vida do filho, iniciavam com a amamentação, pois por ser concebida como exaustiva para a dama, elas preferiam entregar seus filhos para as amas-de-leite, essas que criaram princesas e príncipes. A amamentação ficou cada vez mais presente através da literatura médica, que pregava o aleitamento como uma condição favorável para os bebês. Além de proferirem novos cuidados em torno da higiene infantil, o que antes era pregado pelas avós, agora se encontrava em processo de mudança, trocavam-

se as roupas ajustadas pelos as soltas, pentes finos para pentear os cabelos, como cortar o cordão umbilical, entre outros.

1.4 – Abandonadas é sinônimo de infratoras?

Agora com o fim do Império e estabelecimento da República, novos ares se dariam a esse povo, cuja ordem vigente a cada dia se modificava adaptando-se aos padrões mundiais. Essa República ficou dividida entre o impulso industrializado do mundo do trabalho e a prática de vadiagem. Agora o negro tentava esquecer seu passado e buscar um futuro melhor, os imigrantes também tentavam adentrar no mundo do trabalho. Agora começava a ficar visível a diferenças sociais, gerando problemas freqüentes no cotidiano da cidade. Como aumentou o número de ocorrências criminais, aumenta-se também o número de mecanismo que por meio de repressão tentaria estabelecer a ordem.

Com esse aumento dilacerado de crimes, notou-se que boa parte deles eram praticados por menores, caracterizando-se por atos considerados por desordem, vadiagens, embriaguês, furto e roubo. Estes crimes considerados pequenos perante os praticados pelos adultos que em sua maioria eram homicídios, notando-se assim uma menor gravidade nos crimes idealizados pelos menores. Para Marcos Antônio Cabral dos Santos (2002):

[...] Estes dados indicam a menor agressividade nos delitos envolvendo menores, que tinham na malícia e na esperteza suas principais ferramentas de ação; e nas ruas da cidade, o local perfeito para pôr em prática as artimanhas que garantiriam sua sobrevivência. Os números apontavam ainda uma constante dicotomia entre a criminalidade no campo e na cidade, revelando a última como local privilegiado para a eclosão do banditismo. (SANTOS, 2002, p. 214)

Através da reflexão de Santos é de notar como a mentalidade dos menores em tão pouco tempo mudou, usando sua inteligência e esperteza para praticar atos de má fé. A partir de então a infância que sempre foi idealizada pela bela época, agora está sobre o olhar jurídico. Onde os criminalistas consideravam esses atos por causa da corrupção do trabalho infantil, e da pouca ênfase na educação das crianças, levando-as a praticas estes atos desonrados. Como também com a criação do novo Código Penal que colaborasse em acabar e prevenir as mazelas sociais vigentes. Nesta já

apareciam punições aos menores, desde que fossem maiores de 14 anos. O que mudava era o tratamento dado para essas crianças entre 09 a 14 anos, que ao praticarem estes atos ficaram ao vigor do Juiz a punição. Variando às vezes de irem para as instituições de correção ou para instituições industriais. Nesse meio quando a causa era considerada com discernimento, o juiz logo aplicava uma punição, é tanto que durante esse tempo os pais e advogados tentavam de todas as maneiras provarem que os filhos não tinham noção do crime, principalmente quando o menor de 14 e maior que 09 anos procurava ocultar as provas do crime⁷. Aí os juízes os viam com o dobro de discernimento. Como também ao contrário da educação que havia uma separada para o menino e a menina o Código Penal não via diferença no gênero.

O roubo, o furto, a gatunagem, a prostituição e, principalmente, a mendicância, foram atividades ilegais as formas de sobrevivência nos grandes centros urbanos, já que nele a divisão social do trabalho estava cada vez mais visível e estas práticas eram uma maneira mais fácil para se viver, mesmo sabendo das conseqüências que essa vida possibilitaria. Esse assunto começou a ser tratado de maneira considerável, para que assim as pessoas não se tornassem vítimas delas. Geralmente essas crianças e adolescente sempre realizavam atividades lícitas ou ilícitas, eram fácil de vê-las alegremente nas ruas como ajudantes, logo se deparavam que sua malícia era apenas uma maneira de criar confiança para aproveitar-se da situação e confiança para praticar seus atos delinqüentes.

O que antes era apenas uma preocupação familiar, agora se torna geral. Além da pedagogia, da medicina, da história, todos os cuidados em torno do processo de crescimento das crianças, para que assim tenham uma vida longa, duradoura, e um futuro profissional brilhante, torna-se público a questão da ameaça do sossego da família e da ordem pública. Para que o palco de trabalho que semeavam o cotidiano urbano procurasse as mais variadas formas para acabar com os atos criminosos e voltar a ter um olhar de preocupação com o futuro das crianças no sentido de serem consideradas “sementes do amanhã”, principalmente com um novo sistema instaurado.

⁷ Ver: História das Crianças no Brasil, p. 84

O interessante é a questão da educação das crianças que desde o período imperial pregava-se que esta deveria ser realizada nos âmbitos familiares e escolares, onde a elite se sobressaia perante o pobre, agora notaremos uma preocupação mais abrangente em determinados setores da sociedade. Aqueles que estavam em uma vida conturbada, deleitado nas ruas a procura de trabalho e não conseguindo, se abastecia na quebra da ordem pública, permutando do coadjuvante entrando em cena perturbando uma ordem estabelecida.

Deste modo após uma breve discussão sobre como se deu a Infância no Brasil, no próximo capítulo trataremos sobre como vivem as múltiplas Infâncias em situação de rua de Campina Grande.

II CAPÍTULO

2º CAPÍTULO: Quebrando estereótipos e desbravando barreiras: Um estudo das crianças em situação de rua na atual cidade de Campina Grande

“A criança no Brasil hoje, sobretudo a que se encontra em situação de risco, é objeto de preocupação dos mais diversos campos do saber, sendo alvo de variadas políticas públicas implementadas pelos poderes municipal, estadual e federal. A chamada “criança pobre” é tratada pelos meios de comunicação e mesmo nos documentos oficiais, por denominações diversas: criança abandonada, menor de rua, menor carente, são algumas delas”.
(COUCEIRO, 2007, p.100)

O número de meninos (as) nas ruas vem crescendo desde os anos 70, no Brasil e na América Latina, e mesmo nos países desenvolvidos, onde não se via crianças sozinhas nas ruas.

Estudos significativos foram e ainda estão sendo desenvolvidos, constatando o modo de viver das crianças no Brasil, já que a História da Infância é um tema atual e cada vez mais vem ganhando seu espaço. Porém a necessidade de adentrar no mundo destas crianças para assim construirmos um perfil de sua infância, e seu conceito de infância, reconhecendo a emergência desta temática, propomos a tentativa de problematizar a construção de Infâncias em situação de Rua em Campina Grande. Reconhecendo a importância desses estudos quantitativos e qualitativos, consideramos a necessidade de melhor compreender o mundo (ou talvez sub-mundo) dessas crianças em situação de rua, seu cotidiano, suas expectativas.

O nosso estudo, portanto, investiga a experiência dos (as) meninos (as) em situação de rua na cidade de Campina Grande, como também faz um levantamento do perfil dessas crianças, do cotidiano das mesmas, investiga as representações que as crianças e os adolescentes fazem da violência de que

são vítimas e como a partir delas assumem atitudes de enfrentamento e de defesa, faz um levantamento dos sonhos e perspectivas de futuro desses sujeitos que serão os atores principais na execução das políticas e programas que tentem resgatar os direitos da criança e do adolescente, como produtores e detentores de cidadania.

Partindo da compreensão da complexidade do ser humano e do fenômeno social e cultural, assumimos uma postura que reconhece os limites do conhecimento do real, mesmo quando (e até mesmo por isso) o pesquisador se esforça para precisar seus instrumentos e trata os dados com objetividade. Por isso utilizamos, para a operacionalização da pesquisa, uma metodologia de natureza qualitativa através da História oral. De acordo com Certeau:

A construção de um campo de conhecimento específico no âmbito da disciplina História se dá em função de três eixos fundamentais que estão articulados: a emergência de uma temática produzida a partir de problemas até então não colocados pelos pesquisadores; a existência de fontes documentais inéditas ou a releitura de fontes documentais já analisadas que possibilitam a construção da narrativa; e a utilização de referenciais teóricos metodológicos pré-existentes ou inovadores que possibilitam a criação de um outro campo conceitual. (CERTEAU, 1988)

Foi organizada uma simples amostragem composta por 10 sujeitos (crianças e adolescentes em situação de rua e que fazem parte do projeto Ruanda). Os instrumentos utilizados para coletar os dados foi um roteiro de questões, além de um gravador portátil para registrar as entrevistas que no decorrer da pesquisa os entrevistados por algum motivo não aceitaram serem gravados, a qual tratou de questões relacionadas ao tema estudado: Os dados coletados foram organizados e analisados para a posterior discussão, dessa maneira discutir as múltiplas Infâncias em situação de rua na cidade de Campina Grande.

A problemática da criança e do adolescente é ainda, um grande desafio, político, econômico, social e cultural, para todas as sociedades, mesmo para aquelas que ingressaram em um modo de desenvolvimento considerado hoje contemporâneo e que preconizam os direitos dos indivíduos e dos cidadãos: direito à liberdade de ser sujeito, de ir e vir, de se expressar; direito à afirmação de sua própria identidade, como sujeitos autônomos e criativos, produtores de

bens materiais e culturais, e livres consumidores desses bens materiais, segundo suas necessidades objetivas e subjetivas.

Nota-se que questões históricas permeiam até hoje o modo de vida das crianças, como é o caso do aumento da industrialização e o crescimento das cidades, que vem intensificando as desigualdades sociais, com a reorganização da esfera do trabalho, reduzindo os níveis de emprego e da renda familiar, muitas vezes substituindo a mão-de-obra masculina, pela inserção da mulher e da criança, com salários mais baixos.

Consequentemente tem crescido o número de crianças e adolescentes que fazem da rua um espaço de sobrevivência. Muitas famílias levam seus filhos para a rua, para ajudar em atividades variadas de prestação de pequenos serviços ou venda de produtos de baixo consumo, quando não os obrigam a irem sozinhos inclusive para mendigar. Daí que seja crescente a presença dos meninos na rua, a cada dia, à medida que se agrava a situação econômica da família. São crianças que, pela falta de condições de seus pais, premidos pela carência material e cultural (desempregados ou subempregados, semi ou completamente analfabetos) são responsáveis por parte do suprimento familiar.

Como já afirmara Rizzini (1993) sobre os meninos de rua:

São crianças que, em geral, desenvolvem em via publica trabalhos à sua própria sobrevivência pessoal e de sua família. Uma das estratégias de sobrevivência das famílias de recursos escassos, de forma particular quando a renda se contrai em conjunturas de alto desemprego, consiste em fomentar o trabalho infantil como uma forma de incrementar os recursos necessários para a manutenção diária dos membros do grupo familiar. (RIZZINI, 1993, p. 50)

São crianças que sofrem o descaso social, a partir da própria família, cujos lares não oferecem o suprimento de suas necessidades básicas, materiais e/ou afetivas. Em muitos casos, também fogem de casa e até da violência doméstica de que são vítimas, procurando na rua a liberdade, a aventura, o lazer, o companheirismo e a solidariedade dos iguais. A maior parte dessas crianças está “procurando meios de subsistência, complementando a renda familiar” embora outros motivos também apareçam, conforme afirma Rizzini (1993): “Além das pressões econômicas que conduzem a saída da criança para as ruas, estas também confessam que fogem dos muitos conflitos familiares que, com frequência, são acompanhados de violência”. (RIZZINI, 1993, p.53).

Nas ruas, essas crianças desenvolvem tarefas (as mais diversas) combinadas com a mendicância. Além de “pastorar carros”, atividade mais freqüente, os (as) meninos (as) em situação de rua trabalham como vendedores ambulantes, carregadores de compras, engraxates, etc. enfim, atividades que se incluem no mercado informal, com as crianças compondo verdadeiro exército de trabalhadores mirins.

Frente a essa realidade se faz necessário o interesse coletivo baseado em políticas públicas que aumentem o debate e a reflexão para todos os saberes que se relacionam com a temática, como é o caso da medicina, do Direito, da Sociologia, antropologia, psicologia, serviço social, entre outros, todos procurando da melhor forma criar ações contínuas e efetivas que aumento o conhecimento sobre estes.

2.1 – Crianças (des) favorecidas?

Algumas medidas vêm sendo tomadas de forma que melhore o caminho para a população infanto-juvenil. A partir do século XX, a sociedade civil vem se reorganizando para criar alternativas não-governamentais e em parceria, exigindo políticas públicas voltadas para as necessidades básicas da população, principalmente educação, saúde, alimentação, vigilância e proteção, como também tudo que diz respeito ao trabalho infanto-juvenil. De acordo com Arend:

A partir de 1980, com o fim do Regime Militar, a sociedade brasileira presenciou um intenso debate a cerca do chamado problema da infância. Já não era mais possível tratar as infrações dos meninos e das meninas como um “caso de polícia”, como também “seqüestrar” a prole dos pobres em função de condições desfavoráveis de seus ascendentes. Os legisladores e os operadores do Direito almejavam que os valores e as práticas da norma familiar burguesa fossem estendidos para todo o corpo social. (ARENDA, 2007, p. 22)

Como um passo para modificar o atendimento às crianças brasileiras tem a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, através da lei federal 8.069, de 13 de julho de 1990. Ele explicita os direitos fundamentais da criança e do adolescente, regulamenta o artigo 227 da Constituição (é dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente, Art. 70), estabelece as medidas de proteção à criança e ao adolescente e as punições dos responsáveis por ameaça ou violação dos seus

direitos, atribuindo aos municípios, poder público e comunidade, através dos conselhos de Direito da Criança e do Adolescente e Conselhos Tutelares, a responsabilidade pela vigilância à efetivação desses direitos.

Alguns programas, movimentos e projetos implantados no Brasil vêm produzindo mudanças na política de enfrentamento da questão da criança e do adolescente. Como exemplos temos: O Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua (MNMRR), o Fórum Nacional de Entidades Não-governamentais de Defesa da Criança e do Adolescente, que conduziu à elaboração e aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente, substituindo o código de menores.

O conceito de cidadania se torna central na definição das diretrizes políticas que fortalecem a participação e a mobilização dos diversos organismos da sociedade civil e política na luta para assegurar os direitos das crianças e adolescentes, como expressos na Constituição. Criaram-se os Conselhos Estaduais de Direito da Criança e do Adolescente, segundo a Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990, Art. 88, com a finalidade de deliberar e controlar as ações em todos os níveis, asseguradas à participação popular paritária. Entretanto, apesar do aparato legal que assegura a proteção à criança, a sociedade brasileira é assaltada a cada dia com novos dados que vivem ou trabalham na rua e é estarecida com a intensificação da violência envolvendo essas crianças e adolescentes.

Considerando o grande número de crianças em situação de rua na cidade de Campina Grande desenvolvemos uma pesquisa para conhecer a realidade dessas crianças, tendo como referência o Projeto Ruanda desenvolvido na referida cidade. O estudo nos permitiu a obtenção de dados referentes à situação familiar, econômica, educacional e do cotidiano dessas crianças que vivem e/ou trabalham nas ruas, em Campina Grande-PB. Pudemos verificar que a maioria, em acordo com outros estudos, mantém vínculo com a família, vivendo com um dos pais, sendo também freqüentes crianças que moram com a avó.

Os (as) meninos (as) que vivem e/ou trabalham nas ruas de Campina Grande-PB são, primeiramente, vítimas da exclusão do sistema sócio-econômico, e vão para a rua em busca de comida e dinheiro, muitas vezes obrigados pelos pais, que exigem uma quantia determinada por dia. Eles

estudam durante um turno e no outro vai para a rua como uma forma de divertimento, como se a rua fosse sinônimo de aprendizagem, onde lá aprenderam com a vida a lidar com seu futuro.

Das crianças com as quais mantivemos contato, quase a totalidade é do sexo masculino, moram em bairros periféricos, são de origem de famílias de baixa renda e vão para a rua na tentativa de complementar a renda familiar. Essas crianças em sua maioria são cobertas por programas de cunho social, mas não tem a noção que esses programas são para ajudá-los.

Assim eles vêm para a rua pela manhã, retornando à noite para suas casas. Alguns freqüentam a escola, e, desse modo passam um turno na rua, outro na escola e à noite dormem com a família. Eles apresentam, em geral, um baixo nível de escolaridade. Esse quadro foi evidenciado através das atividades de desenho e pintura desenvolvidos pela equipe do Ruanda que nos acompanhou nas entrevistas. Foi notório o baixo nível de escolaridade quando pedimos que assinassem seus nomes nas folhas desenhadas, mas também através dos próprios depoimentos.

As crianças e adolescentes entrevistados estão ligados ao já citado projeto Ruanda, onde desenvolvem atividades como: oficinas de pintura, de desenho, palestras e etc. o projeto dispõe de uma equipe que vai às ruas diariamente para dar assistência a essas crianças. Foi juntamente com essa equipe que realizamos as entrevistas. Foi constatado também que a imagem dos (as) meninos (as) perambulando pelas ruas da cidade incomoda cidadãos e comerciantes que vêem seus estabelecimentos ameaçados pela presença dos meninos (as) nas suas proximidades. Além disso, o olhar acusador do senso comum, as pressões do comércio lojista e a veiculação de um jornalismo policial sensacionalista escrito e falado vão se configurando como formas de violência contra a criança e o adolescente.

Muitas vezes só o fato de estar na rua e oferecer os seus "serviços", é suficiente para a prática da violência sobre eles. Os entrevistados reclamam da intolerância, agressões verbais e preconceitos que sofrem na rua. Os menores sofrem mais violência simbólica e os incidentes de violência física ocorre com mais freqüência entre os mais velhos. Constatamos também que o contato com as drogas é uma das conseqüências inevitáveis para as crianças em situação de rua. Mesmo para aqueles que nunca fizeram uso de drogas, o contato se

faz pela proximidade com os companheiros que usam algum tipo de droga, sendo as mais comuns, a cola de sapateiro e a maconha. Percebemos que a droga funciona como um substituto para desejos que representam a satisfação de necessidades fundamentais, como cuidados básicos: a comida, a cama para dormir, o conforto de uma casa com televisão e etc.

O estudo nos propiciou, também, conhecer os sonhos e perspectivas de futuro desses (as) meninos (as) em situação de rua. Constatamos que os anseios dessas crianças se “traduzem” nas necessidades básicas para um ser humano.

Ariel⁸, ao ser indagado sobre o que queria ser no futuro e quais os seus sonhos, disse:

“Quero ter um emprego! Casar, ter filhos, uma casa confortável e um carro”. (23/05/08).

Também Garbriel⁹, afirma:

“Quero ter dinheiro, uma casa grande e bonita”. (23/05/08).

Além dessa falta de perspectiva para com seu futuro é interessante também quando nos referimos a violência, pois ao perguntar se já sofreram algum tipo de violência, logo notamos que eles se esquivam para responder, muitas vezes baixando a cabeça para tal situação. Sobre isto um dos entrevistados respondeu:

“Fiquei triste quando bateram em mim na rua! Eu não fiz nada, eu não fiz nada! (26/05/08)

Já outro respondeu:

“Vou para a rua assim fico lá brincando e pedindo, pois em casa minha mãe não deixa eu brincar.(ele baixou a cabeça, respirou) Ela briga muito com meu pai.” (26/05/08)

Uma questão notória foi em relação à violência, pois eles em sua maioria já foi violentado alguma vez, sendo que maior relevância é quando eles dizem que alguém na rua bateram neles sem motivo como eles afirmam. Deste modo nos leva a refletir o quanto as pessoas não respeitam esses seres, sabendo que eles são seres humanos iguais a nós e merecem o mesmo respeito? Como também não ajudar a esses a terem uma vida melhor já que são vítimas de

⁸ Estudante do 6º ano do ensino fundamental, 13 anos, 5 irmãos.

⁹ Estudante do 4º ano do ensino fundamental, 11 anos, 6 irmãos.

uma realidade indesejada. Pois mal conhecem a vida que logo vão para as ruas como forma de não ver o que está se passando.

Quando se trata sobre a noção de trabalho, eles se mostram bem satisfeitos, e se alegram ao dizerem que trabalham. Perante a pergunta você trabalha?

Muriel¹⁰, respondeu: “Sim. Eu trabalho vendendo desenhos. Eu não gosto de pedir então eu faço desenhos na escola e levo pra vender nas ruas. Teve um dia que o homem me deu 10 reais, acredita?” (28/05/2008)

Já em relação à mesma pergunta Miguel¹¹, respondeu: “Sim. Eu lavo os vidros dos carros, encho os pneus dos carros, faço mandados, eu num gosto de ficar em casa não”. (28/05/2008)

Um fator interessante é o desapego dessas crianças em relação a família, pois em sua maioria elas mostram descontentamento quando nos referimos as famílias, principalmente na sua relação com seus pais. Desarticulando toda a discussão em relação ao amor familiar.

A situação de vida das crianças e adolescentes na cidade de Campina Grande-PB, entretanto, dada a dimensão da própria cidade e o número de meninos (as) nas ruas, a proporção e a intensidade da violência aparece de forma mais amena, e suas estratégias de enfrentamento e defesa são, por sua vez, também menos carregadas de violência.

Os principais resultados indicaram que essas crianças são vítimas de violência física e simbólica, desde a negação de seus direitos a cidadania, alimentação, habitação, escola de qualidade, preparação para o trabalho e valorização pessoal, até espancamentos e torturas por parte daqueles que deveriam garantir sua proteção. Deste modo a criança que agora é vista pela proteção do Estado, e este deve possibilitar uma vida digna a elas. É o que afirma: Moura, 2007:

O Estado, no papel de protetor das crianças com a educação Correcional, passa a exercer um controle maior sobre elas. Essa tutoria que o poder público detém é no sentido de moldar essa criança dentro das normas vigentes, traficando-as em espaços inapropriados, visando apenas retirá-las das ruas para não incomodar a “ordem social”. (MOURA, 2007, p.115)

¹⁰ Estudante do 3º ano do ensino fundamental, 12 anos, 2 irmãos.

¹¹ Estudante do 6º ano do ensino fundamental, 13 anos, 7 irmãos.

Através da discussão de Moura notamos que a preocupação com a criança só se deu a partir da necessidade do estabelecimento da ordem pública e não para melhorar a vidas desses infantes que precisam mais que um apoio financeiro ou de um programa social que os deixem um tempo longe das ruas. O que essas crianças precisam é antes de tudo é saber que elas passam por uma fase da vida, e que esta é muito importante para seu futuro. Que elas tem que se prepararem para ter um futuro promissor.

O espaço da rua se consolida como um local, onde crianças e adolescentes vão procurar vivenciar, suprir o que não encontram no lar, entretanto terão que adquirir novas defesas, pois na rua vão apresentando-se novas formas de violação dos seus direitos, embora o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA estabeleça a garantia dos direitos das crianças e adolescentes sem fazer discriminação de raça, cor, ou classe social, colocando-os como sujeitos de direitos.

As crianças pobres, principalmente os menores, de 12- 13 anos, estão sendo os provedores da renda familiar. Esses meninos (as) (não sujeitos de direitos), na verdade são tangidos para a rua em decorrência da miséria em que se encontram seus pais, tendo a infância negada.

Quando nos referimos ao termo Infância e perguntamos a ela o que significa Infância?

Ariel¹², respondeu: “Num sei”. (17/02/2009)

Já Rafael¹³, respondeu: É poder brincar, ir pra rua, não apanhar dos pais, ir pra escola. (17/02/2009)

Pelo que se notam essas crianças tem a noções diferentes sobre o que é Infância, deste momento vivido por elas. Aí entra em discussão a questão da Infância enquanto uma fase etária que segundo o ministério da saúde vai entre o nascimento aos 10 anos. E por outro, a Infância quanto um conjunto de discursos enunciados sobre esta fase da vida.¹⁴ Com isso a fala da criança está relacionada às normas, aos seus direitos, se referindo tanto a escola, as brincadeiras, e principalmente a violência. Analisando de forma separada de um lado notamos que essas crianças vivem uma Infância por sua faixa etária,

¹² Não estuda, 16 anos, 5 irmãos.

¹³ Estudante do EJA (Educação de Jovens e Adultos), 17 anos, 4 irmãos.

¹⁴ Ver Arend, Sílvia Maria Fávero. Por uma história da Infância no Brasil: desafios e perspectivas. 2007. p. 20.

por não ter chegado ainda aos 18 anos. Mais de outro lado de uma forma mais conceitual vêem que elas não desfrutam deste momento, pois carrega em sua caminhada responsabilidades, como o de “trabalhar” de forma indireta, para sustentar suas vidas e muitas vezes suas famílias.

A rua se concretiza para esses (as) meninos (as) como uma “escola”, nela a criança constrói seu mundo perceptivo e conceitual, um código moral e ético, elabora estratégias de defesa (enfrentamento e fuga) na relação com os outros. A experiência do cotidiano na rua se constitui no campo privilegiado para o aprendizado de conceitos e valores, hábitos e atitudes que, em geral não correspondem às necessidades de um desenvolvimento saudável, que permita o equilíbrio nas relações sujeito-sujeito e indivíduo-sociedade. Todas as constatações, propiciadas por esse estudo, nos levam a refletir sobre a nossa atuação frente à problemática das crianças e dos adolescentes e nos provocam para pensarmos formas de dar continuidade a essas reflexões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos, com este trabalho monográfico, ter conseguido chamar a atenção do leitor para a necessidade de se elaborar uma historiografia das Infâncias (em situação de rua), especialmente na cidade de Campina Grande – PB, de modo que alguns aspectos da produção historiográfica em questão sejam avaliados e que se pare para problematizar as necessidades e as perspectivas de vida dessas crianças, quais os motivos históricos e sociais que as levam a habitar as ruas; pensar o que elas acham de suas vidas, que tipo de ações e políticas estão sendo feitos pelo Estado e pela sociedade civil para que os meninos de rua possam sonhar com uma condição mais favorável, tendo lazer, cultura e arte como uma vizinha de seus cotidianos.

Para tanto, achamos interessante mostrar como se construiu uma idéia de infância tanto na Colônia quanto no Império brasileiro para que pudéssemos comparar a idéia em vigor naqueles períodos históricos com o que temos atualmente.

Identificar e analisar os problemas e as discussões que se formaram em torno das crianças ao longo da História do Brasil nos possibilita imaginar como se chega às condições que se têm atualmente: crianças na rua, de classes sociais “desprivilegiadas”, trabalhando desde cedo, sofrendo humilhações, vivendo com drogas, vícios e demais aspectos de seu cotidiano que tendem a não permiti-las alcançar o ideal que o projeto iluminista pensou para tais crianças e para as nações: corpos saudáveis, educação ideal, cultura e condições financeiras favoráveis.

Ou como diria Walter Benjamin, que percebe a infância de uma maneira à qual esta pertence a um tipo de coletividade: “compreender a criança é fundamental para compreender a forma que se vive”.¹⁵ As concepções de Benjamin tendem a construir uma *não-infantilização* das crianças. Daí a importância de se estudar e problematizar a inserção das mesmas na História, uma vez que são parte de uma cultura e, como tal, também são capazes de

¹⁵ KRAMER, Sônia. **Educação a contrapelo**. Revista Educação: Biblioteca do professor – Benjamin pensa a educação, nº 7, ano 2008. Pág. 19.

produzir cultura, elaborar mudanças históricas e interferir em concepções de mundo. Pertencente a uma classe social, a criança se relaciona com os outros, dá significado à sua vida e interfere na dos demais.

Algumas *concepções da infância* nos remetem a uma construção histórica que se fez das crianças e do que tentamos fazer nesse trabalho. Cabe enfatizar que os próprios conceitos são também historicamente produzidos, marcados pelo contexto que lhes criam. É constituído a partir de certas concepções “mais gerais” de mundo junto com as particularidades dos fenômenos e das pessoas. São essas particularidades, entretanto, que sinalizam a necessidade de atualização dos conceitos e de sua re-avaliação. Pensando dessa forma, a conceituação da infância apresenta também os seus problemas, sendo o primordial o conceito único de infância – o de infância burguesa – insuficiente para abarcar a multiplicidade das experiências da infância, tais como as estudadas nesta oportunidade, já que às crianças de rua não são ofertadas as mesmas oportunidades, os mesmos aconchegos e as mesmas facilidades.

A consciência dessa insuficiência gera uma nova demanda conceitual, a partir da qual várias possibilidades podem ser evidenciadas pelos pesquisadores da infância – dentre elas, as diferenças de classe social, de cultura, das relações com os meios de produção, da própria educação e reparo para o mundo do trabalho, da consciência dos direitos e deveres, etc.

Por fim, merecem destaque, ainda, mostrar como as crianças são *sujeitos históricos* que exercem certas experiências cotidianas e se apresentam fazendo uso das mesmas. Para a criança, o desvendamento desse mundo, bem como a compreensão das transformações sociais e históricas que perpassam por sua vida encontra-se posicionado na esfera do lúdico e é atuando em tal esfera que a criança passa a tomar consciência das suas intervenções no cotidiano e a dar novos sentidos ao lugar social que ocupa.

Assim, mostramos quantas podem ser as perspectivas de se construir uma História da Infância, no que diz respeito às crianças em situação de rua, e o que estas tem feito de seu cotidiano e, mais, o que se tem feito por elas: as maneiras de subverter a lógica dominante do pensamento racional e iluminista, com as suas “inabilidades”, suas próprias orientações, sua “falta” de desenvoltura frente às certezas do mundo. A criança em situação de rua

convive com a experiência de vida - essencial ao homem – mais diretamente do que qualquer criança burguesa (tida como modelo), além de viver do seu desajustamento em relação ao mundo. Enfim, a experiência de sua falta de soberania, o que a deixa imersa em constante conhecimento e, infeliz e concomitante, esquecimento.

Suas vidas parecem perdidas ao relento, vivem rodeados de perigos e tentações, conflitos e desejos. Sonham com o melhor, ou com o que se acha ser melhor, vivem com o que de pior a sociedade pretende ofertar. Desleixadas ou indigentes? Firmes ou fracas? Nenhuma das alternativas pode definir suas vidas, repletas pelas condições várias e plurais que as intentam ao sabor de uma vida livre e perigosa e o amargo prazer do descaso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AREND, Sylvia. Por uma História da Infância no Brasil: desafios e perspectivas. IN. MIRANDA, Humberto. VASCONCELOS, Maria E. **História da Infância em Pernambuco**. Pernambuco: universitária UFPE. 2007. p. 19 – 28.

ÀRIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2º edição. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 1981.

BRAGA, Vera. Infância: assistencialismo e proteção em Pernambuco no início do século XX (1900 – 1930). IN. MIRANDA, Humberto. VASCONCELOS, Maria E. **História da Infância em Pernambuco**. Pernambuco: universitária UFPE. 2007. p. 109 – 122.

BURKE, Peter. **A escrita da história**. São Paulo: Martins Fontes/ Editora da UNESP: 1993.

CERTEAU, Michel. A Operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.) **História: Novos problemas**. Rio de Janeiro, 1988, p.17 – 48.

CHAMBOULEYRON, R. Jesuítas e as crianças no Brasil quinhentista. In: PRIORI, D. P. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 55 – 83.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. 5º edição. Rio de Janeiro: Edições Graal: 1999.

COUCEIRO, Silvia. Entre 'anjos' e 'menores': representações sobre a criança nos séculos XIX e XX. IN. MIRANDA, Humberto. VASCONCELOS, Maria E. **História da Infância em Pernambuco**. Pernambuco: universitária UFPE. 2007. p. 99 – 108.

ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente. (1990) Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

E se fossem nossos filhos? : crianças e adolescentes em situação de rua/ Severina Ilza do Nascimento (organizadora). João Pessoa: Idéia, 1997. p. 13-48.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. 2001, p. 238

HEYWOOD, Colin. **Uma História da Infância: da Idade Média à época Contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KRAMER, Sônia. **Educação a contrapelo**. Revista Educação: Biblioteca do professor – Benjamin pensa a educação, nº 7, ano 2008.

MAUAD, A. M. A vida das crianças durante o império. In: PRIORI, D. P. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 137 – 174.

MOURA, Vera L. B. de. Infância e Assistencialismo em Pernambuco no início do século XX (1900 – 1930). IN. MIRANDA, Humberto. VASCONCELOS, Maria E. **História da Infância em Pernambuco**. Pernambuco: universitária UFPE. 2007. p. 109 – 122.

Priore, Mary Del. **História da Criança no Brasil**. 3º edição. São Paulo: Contexto, 2002.

PRIORE, M. D. O cotidiano da criança pobre no Brasil entre a colônia e o império. In: PRIORI, D. P. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 84 – 106.

STEARNS, Peter N. **A Infância**. São Paulo: Contexto, 2006.

RIZZINI, I. **A criança no Brasil hoje. Desafio para o terceiro milênio**. Rio de Janeiro, Univ. Santa Úrsula, 1993.

RIZZINI, I. **Deserdados da sociedade: Os “meninos de rua” da América Latina**. Rio de Janeiro, USU- Ed. Universitária, 1995.

SANTOS, Marco A. C. Criança e criminalidade no início do século. In: PRIORI, D. P. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 210 – 230.

SPOSATI, Aldaiza. WARDERLEY, Mariângela B. YAZBEK, Maria Carmelita. **Serviço Social e Sociedade: Revista Quadrimestral de Serviço Social**. São Paulo: Cortez, Ano XIV, nº 43, 1993, p. 125-134.